

## O Currículo de *Harry Potter*: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil

Maria Carolina da Silva

*Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário UNA da Universidade Federal de Minas Gerais,  
Belo Horizonte, MG, Brasil  
mariacarolinasilva@hotmail.com*

Marlucy Alves Paraíso

*Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
marlucy.paraíso@terra.com.br*



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as representações de escola e currículo divulgadas pela série de livros *Harry Potter*. Sucesso em todo o mundo, a série *Harry Potter* é composta por sete livros que contam as aventuras de um menino que, aos 11 anos, descobre ser um bruxo e é enviado para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde aprenderá a usar seus poderes mágicos. Com base na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, considero que a representação não apenas apresenta uma realidade, mas atua ativamente na sua construção. O argumento desenvolvido é do que a escola entendida como ideal pelos livros é aquela que é um lar para professores/as e alunos/as, que é segura e que agrupa os/as estudantes segundo suas habilidades e características individuais. O modelo curricular divulgado pela série é uma fusão do currículo científico com o currículo prático. Tendo em vista a abrangência dos livros, é importante compreender como a educação vem sendo divulgada em um artefato cultural não escolar endereçado para os/as jovens.

**Palavras-chave:** Currículo. Pedagogia cultural. Representação.

## The *Harry Potter's* Syllabus: representations of school and syllabus in children's and adolescent literature

### Abstract

The aim of this paper is to analyze the representations of school and syllabus divulged by the *Harry Potter* book series. Successful all around the world, this series consists of seven books telling the adventures of a boy who, at 11 years of age, discovers himself to be a wizard, being sent to Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry, where he learns to use his magic powers. Based on the post-structuralist Cultural Studies, I consider the representation not only presents a reality, but pushes actively for its construction. The claim developed is that the school ideally understood by the books is the one serving as home to teachers and students, safe, and grouping the students according to their skills and individual features. The curricular model divulged by the series is a fusion between the scientific syllabus and the practical one. Having in mind the comprehensiveness of the books, it is important to understand how education has been divulged in a non-school cultural product addressed to young people.

**Key words:** Syllabus. Cultural pedagogy. Representation.

### Introdução

Em julho de 2007 o lançamento na Grã-Bretanha e nos países de língua inglesa do livro *Harry Potter e as Relíquias da morte*, último volume da série *Harry Potter*, tornou-se notícia em jornais impressos e televisionados de diversos países do mundo. Os meios de comunicação noticiavam que, assim como havia acontecido na publicação dos livros anteriores, crianças e jovens, juntamente com seus pais e mães, estavam às portas das livrarias, esperando que estas fossem abertas à meia-noite, para comprarem o último volume da saga do jovem bruxo. Paralelo a isso, jornais, revistas e sites de notícias divulgavam também que havia uma rede de “tradutores informais” que, procurando tornar o livro acessível para fãs de outros países, divulgavam cópias não oficiais na Internet.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Cf. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry\\_Potter\\_s%C3%A9rie](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_s%C3%A9rie)>. Acesso em: 23 abr. 2010.

Essa série, que mobiliza jovens leitores/as em vários países do mundo, é composta por sete livros: *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), *Harry Potter e a câmara secreta* (2000), *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (2000), *Harry Potter e o cálice de fogo* (2001), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003), *Harry Potter e o enigma do príncipe* (2005) e *Harry Potter e as relíquias da morte* (2007).<sup>2</sup> Considerada um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos, já foram vendidos mais de 490 milhões de exemplares da série em todo o mundo. No Brasil, os livros já venderam mais de dois milhões e meio de cópias.<sup>3</sup> O sétimo volume da série tornou-se o livro de venda mais rápida na história. Os filmes produzidos com base nos cinco primeiros livros renderam mais de 4,3 bilhões de dólares. Em função disso, a franquia *Harry Potter* tornou-se a mais rentável do cinema.<sup>4</sup> Há ainda uma grande variedade de produtos com a essa marca no mercado: cadernos, brinquedos, meias, pastas, roupas, bonecos, álbuns de figurinhas etc.

A história dos livros se inicia quando Harry, um garoto órfão que vive com tios que o maltratam, completa onze anos. No dia de seu aniversário, ele recebe a visita de Hagrid, um funcionário da Escola de Magia de Bruxaria de Hogwarts, que lhe conta algo que seus tios haviam lhe escondido: ele é um bruxo. Além disso, Harry descobre que seus pais foram mortos por Lord Voldemort, um bruxo das trevas que tentou também matar o garoto quando este era um bebê. Harry não morreu, mas Voldemort perdeu grande parte de seus poderes. Esse fato tornou o menino famoso no mundo bruxo. A partir daí, os livros da série contam cada um dos anos do garoto na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, local para o qual ele foi enviado a fim de aprender o necessário para viver na sociedade bruxa. Ao longo dos livros o menino passa por várias aventuras, normalmente ao lado de seus amigos Rony e Hermione, para evitar que Voldemort retorne ao poder.

---

<sup>2</sup> Os anos entre parênteses referem-se à data de publicação no Brasil. Na Grã-Bretanha, os livros foram publicados respectivamente em 1997, 1998, 1999, 2000, 2003, 2005 e 2007. Ao longo deste artigo não será colocada a referência completa dos livros nas citações. Os livros serão indicados pelas letras “HP” e a sequência do livro na série. Assim, *Harry Potter e a pedra filosofal* será indicado por HP1, *Harry Potter e a câmara secreta* por HP2 e assim sucessivamente. Neste artigo, apenas os seis primeiros livros serão analisados, pois o sétimo volume foi lançado após a conclusão da pesquisa.

<sup>3</sup> Cf. <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL102716-7084,00.html>>. Acesso em: 29 jul. 2007. Esses dados não incluem o sétimo livro da série, cuja tiragem inicial no Brasil é de 400 mil livros.

<sup>4</sup> Cf. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry\\_Potter\\_s%C3%A9rie](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_s%C3%A9rie)>. Acesso em: 23 abr. 2010.

O fato de que grande parte da história dos livros se passa na escola torna essa série de livros um importante objeto para análise educacional, uma vez que esse artefato está contribuindo para divulgar sentidos a respeito do que seja a instituição escolar. Esses livros – que circulam em nível mundial – falam sobre a escola, ensinam o que ela é, avaliam os métodos de ensino, apresentam modelos de professores/as e de currículos escolares. Eles divulgam representações da instituição escolar e do currículo. Analisar essas representações constitui-se no objetivo deste artigo.

Com base na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, considera-se que as representações presentes na série de livros não são o reflexo de uma realidade pré-existente. Pelo contrário, elas criam as realidades que estão, aparentemente, apresentando, pois ao fazerem circular significados específicos, elas transmitem também “formas de compreender o mundo social, de torná-lo inteligível” (SILVA, 1999, p. 17). Assim, o modelo de escola e de currículo apresentado em *Harry Potter* divulga significados que podem funcionar como verdade. Esses significados podem servir, por exemplo, como parâmetro para avaliação de “escolas reais”, já que grande parte do conhecimento que se tem sobre as relações intra-escolares e o currículo, “é criado por construções da cultura popular exibida pela mídia” (DALTON, 1996, p. 98).

Por essa razão, analisar o que a mídia diz a respeito da escola e do currículo torna-se fundamental, já que essa instituição ocupa na contemporaneidade uma importante função como “máquina de ensinar” (GIROUX, 1995). Pode-se dizer que a mídia vem ensinando ao seu público uma série de significados sobre o que seja a escola e os diferentes elementos que a constituem. A ideia de que a mídia ensina ao público uma série de significados sobre o mundo vem sendo nomeada na teorização educacional recente como “pedagogia cultural” ou “currículo cultural” (GIROUX, 1995; SILVA, 2002). Embora todos os currículos sejam culturais, na medida em que são construídos no interior de uma determinada cultura (PARÁISO, 2001), a noção de currículo cultural pretende demarcar que, na contemporaneidade, uma diversidade de instâncias culturais tem disputado espaço com instituições tradicionais como a família e a escola na educação das pessoas (GIROUX, 1995). Nesse sentido, pode-se considerar que artefatos culturais diversos (como filmes, livros de literatura, revistas em quadrinho, jogos, jornais, revistas, publicidade etc.) “transmitem uma variedade de

formas de conhecimento que, embora não sejam reconhecidos como tais, são vitais na formação de identidades e subjetividades” (SILVA, 2002, p. 140).

Partindo desse conceito, considera-se neste artigo que as instâncias culturais ensinam às pessoas “modos de ser, estar e fazer considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2002, p. 96). Portanto, neste artigo, analisa-se o currículo de *Harry Potter*, ou seja, quais são os “comportamentos, procedimentos, hábitos, valores e atitudes, considerados adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2001, p. 144) por esses livros. O objetivo do artigo é discutir que representações de escola e currículo são divulgadas pela série de livros. Argumenta-se que *Harry Potter*, ao falar sobre a escola e o currículo, apresenta essas instituições combinando elementos que a teoria educacional chama de “tradicionais” com elementos mais “críticos” no que se refere à escola. Para desenvolvimento desse argumento, este artigo está dividido em duas partes, nas quais se analisam, respectivamente, os principais elementos da organização da escola e o modelo curricular divulgado pela série de livros.

### **Hogwarts: a escola modelo**

[...] você não pode usar magia no mundo dos trouxas<sup>5</sup> a não ser em situações muito especiais – disse Hagrid. – De qualquer modo, você ainda não poderia lançar nenhuma dessas pragas, vai precisar de muito estudo antes de chegar a esse nível (HP1, 1997, p. 73).

Assim que Harry é apresentado ao mundo da magia descobre que, para fazer mágicas, não basta decorar uma série de palavras, empunhar uma varinha e desejar fazer encantamentos. Para executar feitiços é preciso estudo e dedicação. Descobre, também, que não pode usar magia em casa ou na frente dos *trouxas*. Tendo em vista essas restrições e a necessidade de aprender a executar bem os feitiços, o mundo bruxo precisa de uma instituição na qual se ensine aos/às jovens com “talentos” mágicos o melhor meio de manipular seus poderes sem colocar-se em risco. No mundo bruxo criado pelos livros, tal qual na sociedade moderna ocidental, a instituição que ensina aos/às jovens como se comportar no mundo adulto é a escola. Em *Harry Potter*, a escola aparece como o lugar natural e próprio no qual ocorre o processo educativo. Hogwarts é um internato no qual os/as alunos/as passam todo o ano, excetuando-se

<sup>5</sup> Trouxa é o nome dado nos livros aos seres humanos que não são bruxos/as.

as férias, quando não podem usar magia. A escola aparece como único lugar onde os/as jovens podem fazer feitiços sem sofrerem punições. Parece que *Harry Potter* divulga a ideia de que o melhor espaço para a educação é a escola. Essa não deve ser realizada na família ou na sociedade mais ampla, mas em um espaço planejado para ensinar. Aliado a isso, divulga-se a noção de que os conhecimentos, a metodologia e a organização escolares são os mais adequados aos/às jovens.

A presença de uma escola nos livros pode funcionar também como importante instrumento mercadológico. Se considerarmos que os livros (bem como outros artefatos culturais) “visam e imaginam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p. 13), podemos inferir que o público visado por *Harry Potter* constitui-se de jovens estudantes. Assim, situar a história na escola, onde esse público passa grande parte de seu dia, cria uma identificação com a história, pois apesar de pequenas diferenças (como a presença dos fantasmas, as escadas que se movem ou os retratos nos quadros das paredes que se visitam) a maior parte dos elementos presentes naquela escola (a estrutura das aulas, o quadro-negro, o livro didático, a segmentação dos conteúdos, o corpo docente) assemelha-se aqueles existentes nas instituições escolares atuais.

Além disso, a existência de uma escola no mundo bruxo ajuda a manter a representação de que essa instituição sempre existiu com as características que lhe atribuímos hoje. Ao colocar em um período longínquo a construção de Hogwarts (mais de mil anos) os livros, por um lado, ajudam a manter a ideia de que a escola é o local mais indicado para educar as novas gerações. Por outro lado, ao estabelecer a origem dessa instituição em épocas remotas, acaba-se por “dotar tais instituições de um caráter inexpugnável” (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 68). O caráter construído – e, portanto, mutável – dessa instituição é omitido. Vários efeitos de sentido podem ser atribuídos a essa representação. Talvez apresentar a escola dessa forma possa ajudar a evitar críticas à escola como instituição mais adequada para a educação. Tal fato pode estar vinculado à manutenção da instituição escolar. Entretanto, a história dos livros não prega a manutenção de qualquer instituição escolar. Ela apresenta algumas características que devem ser mantidas e outras que devem ser banidas. Entre aquelas características que devem ser preservadas, uma que chama a atenção primeiramente é a questão da segurança. Hogwarts é apresentada como um espaço extremamente seguro. Isso pode ser percebido no trecho que se segue:

Coisas horríveis aconteciam. Ele [Voldemort, o vilão da série] estava tomando o poder. [...] Um dos únicos lugares seguros que restaram foi Hogwarts (HP1, p. 52).

A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts é representada nos livros como o local mais seguro do mundo bruxo. Seja para abrigar os/as jovens que são o futuro da comunidade bruxa, seja para proteger objetos mágicos (como a pedra filosofal do primeiro livro) Hogwarts aparece como o lugar ideal. A segurança é considerada de tal forma importante para que uma escola funcione bem que, quando no segundo livro da série, vários ataques acontecem a alunos/as, colocando em risco sua vida, a escola quase fecha suas portas. Ainda que aconteçam conflitos entre os/as estudantes e que em alguns momentos o clima de hostilidade ganhe força na escola, situações que coloquem seriamente em perigo deles/as não acontecem dentro da instituição, ou se acontecem, são apresentadas como sério impedimento para que as aulas prossigam.

Nesse sentido, as aventuras de Harry e seus amigos/as, quando ameaçam sua vida, não acontecem no ambiente escolar. No segundo livro, por exemplo, a luta contra Voldemort acontece quilômetros abaixo do solo de Hogwarts, na câmara secreta. No quarto livro, Harry é transportado para um cemitério também distante da escola e no quinto livro Harry e seus/suas amigos/as enfrentam o vilão e seus/suas aliados/as no Ministério da Magia. Os livros parecem afirmar com isso que até mesmo o vilão maior da série reconhece que, dentro da instituição é muito difícil ferir os/as estudantes. Além disso, nem mesmo a sede do Governo bruxo é tão segura quanto Hogwarts.

A ideia de uma escola segura parece distanciar-se daquela presente em outros artefatos culturais, como os filmes hollywoodianos, nos quais muitas vezes a violência é uma das marcas principais (DALTON, 1996; FABRIS, 1999). Também são comuns manchetes na mídia nas quais a violência e a insegurança invadem o ambiente escolar. As narrativas fílmicas estariam apresentando uma ideia contrária aquela presente em *Harry Potter*? Estariam os livros produzindo e divulgando representações da escola segura para se contrapor às inúmeras manchetes que são divulgadas na mídia sobre as práticas de violência na escola em diferentes partes do mundo? Ou será que, em instâncias culturais diversas, indica-se a necessidade da escola ser um lugar seguro? Essa última hipótese parece plausível, pois, de um modo geral, nos filmes

hollywoodianos, um/a professor/a aparece para tentar diminuir a violência nas escolas e conduzir uma “boa prática pedagógica” (DALTON, 1996). Já na mídia, são comuns após essas reportagens comentários que alertam para a necessidade de garantir a segurança das crianças. Talvez, diferentes meios midiáticos, estejam divulgando a ideia de que a escola deve ser segura para conduzir bem suas práticas. Sem segurança, de acordo com esses artefatos, torna-se impossível realizar uma prática educativa de qualidade.

Aliado à ideia de uma escola segura, aparece na série de livros a representação de que, para se tornar um/a grande bruxo/a, é preciso conviver com seus/suas iguais. Dessa forma, logo no primeiro ano, os/as estudantes são selecionados/as para uma das quatro casas da escola (Grifinória, Lufa-Lufa, Corvinal e Sonserina), segundo as características e habilidades de cada um. Para isso, eles/as passam por uma espécie de teste que mede seus talentos. Esse teste consiste em colocar o Chapéu Seletor, um objeto mágico que vê as habilidades e os traços da personalidade dos/as alunos/as e os/as distribui entre as casas. Se as principais características do/a jovem são a “ousadia e sangue-frio e nobreza” (HP1, p. 105) sua casa será Grifinória. Se forem jovens de “astúcia que usam quaisquer meios para atingir os fins que antes colimaram” (HP1, p. 105), sua casa será Sonserina. Ele/a pode também ir para Lufa-Lufa “onde seus moradores são justos e leais, pacientes, sinceros, sem medo da dor” (HP1, p. 105). Porém se ele/as tem “a mente sempre alerta” e são jovens “de grande espírito e saber” (HP1, p. 105) Corvinal será seu novo lar.

Submeter os/as alunos/as a um teste antes de entrarem na escola e selecioná-los segundo suas habilidades especiais é uma prática natural e institucionalizada em Hogwarts. Os/as fundadores/as da escola já a efetuavam há mais de mil anos. O objetivo da seleção é propiciar aos/às alunos/as um convívio com aqueles/as que têm características semelhantes. Desse modo, de acordo com o livro, elas se potencializarão e os/as alunos/as alcançarão maior sucesso escolar. Essa prática se parece com uma comum em muitas escolas brasileiras e já muito comentada pela crítica educacional: a enturmação por habilidades (RODRIGUES, 2001). Baseada na crença de que é o aprendizado é facilitado quando se agrupa os/as estudantes com as mesmas habilidades cognitivas, a enturmação homogênea hierarquiza os/as jovens, permitindo um controle maior e a premiação daqueles/as que se destacam. Essa

modalidade é um dos elementos considerados fundamentais para o sucesso dos/as alunos/as e para o conseqüente reconhecimento de Hogwarts como a melhor escola do mundo. Embora uma das críticas que se faça a essa modalidade de agrupamento seja a de que ela é excludente e potencialmente desestabilizadora da auto-estima dos/as estudantes (VILLELA, 2003), não há menções nos livros a qualquer situação de desconforto causada por ela.

Essa modalidade de seleção ainda é comum em muitas escolas brasileiras e é apontada como fundamental em um livro de grande sucesso, que tem como público-alvo jovens estudantes. Parece que a mídia de um modo geral, e *Harry Potter* de modo específico, contribuem para que permaneça a representação de que o agrupamento por habilidades semelhantes é a melhor forma de organizar os/as estudantes de uma escola. Ao não mostrar qualquer problema causado por esse tipo de enturmação, *Harry Potter* pode estar ensinando para seus/suas leitores/as que essa é forma ideal de agrupamento. Podemos pensar que esses sentidos que povoam a cultura, lutam com outros significados culturais (como aqueles divulgados pela pesquisa educacional) e ajudam a manter a ideia de que a enturmação por habilidades é o modelo ideal de organização escolar. Representações como essa podem ser responsáveis pela manutenção de certas práticas escolares. É importante que o campo educacional esteja atento ao modo como essas questões são divulgadas pela mídia, uma vez que esses significados “invadem” as escolas, cristalizando certas práticas.

Embora uma das críticas que se faça à enturmação homogênea seja a de que ela cria desconforto entre os/as estudantes e faz com que tenham visões negativas sobre a escola, parece que em Hogwarts ela não tem esse efeito. Pelo contrário, os/as estudantes enxergam Hogwarts como um lar. Para eles/as, a escola é como sua casa. Isso pode ser percebido nos trechos abaixo:

Quando acordou na manhã de segunda-feira, ele pensou seriamente, pela primeira vez na vida, em fugir de Hogwarts. Mas quando correu o olhar pelo Salão Principal, na hora do café da manhã e pensou no que significava abandonar o castelo, compreendeu que não poderia fazer isso. Era o único lugar em que fora feliz... bom, ele supunha que devia ter sido feliz em companhia dos pais, também, mas não seria capaz de lembrar (HP4, p. 270-1).

– Você não p-pode! – berrou a Prof<sup>a</sup> Trelawney, as lágrimas escorrendo pelo rosto por baixo das lentes enormes – Você não pode me demitir! Est-tou

aqui há dezesseis anos! H-Hogwarts é a minha c... c-casa (Fala da professora Trelawney, HP5, 2004, p. 484).

Hogwarts é constantemente comparada a um lar por seus/suas alunos/as e professores/as. Para Harry, a escola é “o único lugar em que fora feliz”. Já a professora Trelawney, desesperada ao ser demitida da escola, argumenta que isso não pode acontecer, pois “Hogwarts é sua casa”. Evidencia-se que mais do que o local para o qual os/as jovens são enviados para aprenderem magias, a escola se caracteriza como um lar. Ao contrário das representações correntes que identificam a escola como local de desprazer e de tristeza (FABRIS, 1999, p. 81), Hogwarts é um lugar em que se estabelecem relações de amizade, confiança e fraternidade.

Nesse sentido, parece haver uma aproximação entre o discurso da série de livros e o discurso de alguns/algumas autores/as da área educacional e de algumas propostas de rede de ensino público brasileiras. Em ambos, a escola não é apenas o lugar no qual as novas gerações aprendem os conhecimentos considerados necessários para se viver no mundo. Ela é também um ambiente socializador, espaço no qual os sujeitos devem desenvolver-se integralmente. A escola deve “cooperar para [...] que ele [o/a aluno/a] seja feliz” (RODRIGUES, 2001, p. 22).

Em síntese, pode-se dizer que o modelo de escola apresentado no livro como ideal articula características como segurança, clima familiar e agrupamento por habilidades. Percebe-se também que essa representação, em alguns momentos, disputa espaço com outras que circulam em espaços diversos (como filmes, televisão, propagandas, noticiários, teorias educacionais etc.). Em outros momentos, há uma aproximação com outros discursos divulgados nesses mesmos espaços. Isso mostra que o campo de construção de sentidos sobre a escola constitui-se de um emaranhado de interpretações, muitas vezes desconhecidas pelos/as educadores/as. Se é certo que nenhuma dessas diversas instâncias tem eficácia completa na divulgação de seus valores, pois elas não conseguem atingir a todos/as da mesma forma, também é certo que a educação não pode continuar ignorando os diversos sentidos que circulam sobre como deve se organizar a escola, sobretudo quando essas interpretações são endereçadas aqueles/as que vivenciam mais diretamente o processo escolar: os/as alunos/as.

### O currículo de *Harry Potter*: um currículo científico e prático?

Um artefato cultural que centraliza sua história em uma escola “prescreve saberes, ensina métodos de ensino, indica modos de ser e estar adequados e desejáveis” (PARAÍSO, 2002, p. 96) para os/as envolvidos/as no processo pedagógico. *Harry Potter* ensina aos/às seus/suas leitores/as, por exemplo, como deve ser organizado o currículo de uma escola para que se obtenha sucesso no processo de ensino. A série divulga, portanto, um modelo curricular tido como ideal. Esse modelo pode ser considerado como uma articulação entre a perspectiva curricular tradicional (de Bobbit e Tyler) e a perspectiva científica, que no Brasil tem como principal representante a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, desenvolvida por Dermeval Saviani.

O currículo formal de Hogwarts pode ser compreendido como um currículo tradicional, pois ele se restringe a “um elenco de disciplinas e de conteúdos” (SANTOS; PARAÍSO, 1996, p. 84). Nesse sentido, ao longo dos sete anos que dura o curso de magia em Hogwarts, os/as jovens cursam várias disciplinas que variam de acordo com o ano de escolarização. Assim, nos dois primeiros anos, os/as alunos/as estudam sete disciplinas: *Herbologia* (estudo das plantas mágicas), *História da Magia*, *Transfiguração* (ou *Transformação*), *Feitiços*, *Poções*, *Defesa Contra as Artes das Trevas* e *Astronomia*. Além disso, eles/as aprendem no primeiro ano a pilotar vassouras, na disciplina de *Voo*.<sup>6</sup> A partir do terceiro ano, os/as alunos/as devem escolher no mínimo mais duas disciplinas optativas entre as seguintes: *Trato das Criaturas Mágicas*, *Adivinhação*, *Estudos dos Trouxas*, *Aritmancia* e *Runas Antigas*. No quinto ano, os/as alunos/as realizam um teste para obtenção dos Níveis Ordinários em Magia (NOM's). Esse teste define as matérias que deverão ser cursadas nos dois anos seguintes, de acordo com as profissões as quais os/as alunos/as pretendem se dedicar após deixarem a escola e em função da nota obtida no exame.

A opção pela organização do currículo em torno de disciplinas consideradas legítimas denota o tom conservador do currículo de Hogwarts. Nele os conhecimentos selecionados para fazer parte do currículo escolar são segmentados e fragmentados em várias disciplinas, seguindo as concepções das pedagogias tradicionais. Nesse

---

<sup>6</sup> *Voo* é considerada no primeiro livro da série como uma disciplina. Contudo, nos livros posteriores não há qualquer menção a essa disciplina.

sentido, as disciplinas começam com conteúdos considerados mais simples e que aos poucos se tornam mais complexos: uma estratégia de organização curricular também presente desde as concepções curriculares mais tradicionais. Em Hogwarts, “todos começam do começo” (HP1, p. 79).

“Começar do início” é considerado nos livros como fundamental, pois a escola recebe alunos/as que nunca tinham ouvido falar em magia antes de receberem as cartas convidando-os para frequentar Hogwarts. Assim, eles/as precisam aprender os conhecimentos mais básicos da magia para gradativamente poderem se aprofundar. Além disso, o currículo pode ser considerado como “o instrumento por excelência do controle social” (MOREIRA; SILVA, 1994, p. 10). Organizá-lo, portanto, da melhor forma para controlar as pessoas que se integram à sociedade bruxa é fundamental.

Grande parte das aulas de Hogwarts, por sua vez, segue um modelo bastante conhecido por todos/as nós. Na maioria das vezes, o/a professor/a explica um conteúdo, faz perguntas aos/às estudantes para verificar se entenderam e passa algum tipo de atividade. Esse modelo pode ser exemplificado pelo trecho abaixo.

— A maioria da turma conseguiu fazer desaparecer as lesmas, e mesmo aqueles que as deixaram com vestígios do caracol entenderam o objetivo do feitiço. [...] O feitiço de desaparecimento se torna mais difícil quanto maior a complexidade do animal a se fazer desaparecer. A lesma, como invertebrado, não apresenta grande desafio; o ratinho, como mamífero oferece um desafio muito maior. [...] Vocês já conhecem a fórmula cabalística, então vejamos o que são capazes de fazer (HP5, p. 266-267).

Esse modelo curricular é fortemente centrado na figura do/a docente. É ele/a quem está incumbido/a de ensinar os conhecimentos acumulados pela sociedade e considerados fundamentais e de determinar o que será feito pelos/as alunos/as. Se pensarmos em termos de classificações curriculares é possível aproximar o modelo de currículo desenvolvido em Hogwarts com os modelos científicos (cf. DALTON, 1996). Esse modelo curricular tem como principal representante no Brasil a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos (SILVA, 2002).

De acordo com a proposta curricular dessa perspectiva a função da escola é divulgar os conhecimentos científicos, considerados como patrimônio cultural da humanidade. Não se trata de estimular a produção de conhecimentos pelos/as estudantes, nem de incluir na escola saberes que não tenham utilidade prática e comprovação científica. Nessa perspectiva, os métodos adotados pelos currículos

também devem ser científicos. Essa cientificidade, segundo Saviani (1984), pode ser alcançada pela sequência de cinco passos, que lembram aqueles adotados na construção do método indutivo. O primeiro desses passos consiste na “preparação” que “significa a recordação da lição anterior, logo do já conhecido” (SAVIANI, 1984, p. 48). O segundo passo é a “apresentação, ou seja, “é colocado diante do aluno um novo conhecimento que lhe cabe assimilar” (SAVIANI, 1984, p. 48). O terceiro passo, portanto, é a “assimilação” desse novo conhecimento. A “generalização” é o quarto passo e consiste na demonstração por parte dos/as estudantes de que dominaram um determinado conhecimento e são capazes de reconhecer situações semelhantes nas quais ele pode ser aplicado. Por fim, os/as estudantes passam a treinar o que aprenderam em uma situação proposta pelo/a professor/a.

O currículo das disciplinas consideradas boas em Hogwarts parece seguir esse modelo. As aulas comumente iniciam-se com a recordação do já sabido. Em seguida, o/a professor/a apresenta um novo conhecimento, que deve ser assimilado pelos/as alunos/as. A generalização é apresentada e os/as estudantes passam a praticar. Com relação ao quinto passo presente nos currículo científicos (a aplicação) vale ressaltar que ele é o mais enfatizado no currículo em ação da escola. A parte prática toma a maior parte das aulas, sendo considerada pelos/as alunos/as um elemento fundamental para que uma disciplina seja avaliada como boa ou ruim. Assim, depois de estudarem brevemente a teoria, os/s estudantes passam a praticar. Isso fica evidente, por exemplo, no trecho abaixo:

O Prof. Flitwick anunciou na aula de feitiços que, em sua opinião, os alunos estavam prontos para começar a fazer objetos voarem, uma coisa que andavam morrendo de vontade de experimentar desde que viram o professor fazer o sapo de Neville sair voando pela sala. O Prof. Flitwick dividiu a turma em pares para praticar (HP1, p. 149).

Comumente o currículo tradicional é compreendido como baseado “num verbalismo oco” (SILVA, 2002, p. 59). Ele é nomeado como “mecânico, repetitivo e desvinculado das razões e finalidades que o justificavam” (SAVIANI, 1984, p. 69). Em Hogwarts, porém, o currículo tradicional se expressa exatamente no caráter prático.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> A esse respeito, Saviani (1984) salienta que a crítica feita, sobretudo, pela Escola Nova, que procurava caracterizar a pedagogia tradicional como não científica, não se referia exatamente aos princípios que norteavam essa pedagogia e esse currículo, mas principalmente à cristalização dos métodos que ocorrera na prática, tornando-os repetitivos e cansativos.

As disciplinas que se baseiam unicamente na fala e não na prática são consideradas pelos/as alunos/as como disciplinas ruins. É o caso, por exemplo, de História da Magia, “por consenso, a disciplina mais chata que a bruxidade já inventara” (HP5, p. 191) e de Defesa Contra as Artes das Trevas, no quinto livro da série. Na primeira aula a professora Umbridge diz:

— Guardem as varinhas e apanhem as penas.  
Muitos alunos trocaram olhares sombrios; nunca à ordem ‘guardem as varinhas’ se seguira uma aula que eles achassem interessante (HP5, p. 199-200).

De fato, as aulas seguintes de *Defesa Contra as Artes das Trevas* são consideradas pelos/as alunos/as como desinteressantes. Reafirma-se, dessa maneira, a representação de que aulas não práticas são necessariamente ruins. Talvez seja possível afirmar que a crítica feita à cristalização dos métodos tradicionais, expressa na ênfase na teoria em detrimento da prática, também está presente nos livros da série. Tal fato pode ser também uma forma de propor alternativas para que a escola deixe de ser um lugar “chato e desinteressante” e se transforme em um ambiente prático, alegre, envolvente. Ou ainda, talvez, a divulgação de um currículo científico e prático possa ser lida como uma tentativa de oposição a práticas que buscam basear-se nos conhecimentos do senso comum. Certamente essas são algumas das várias interpretações possíveis para os significados que *Harry Potter* faz circular entre os/as jovens.

Além de prescrever o currículo científico e prático como o mais eficiente para as escolas, a série de livros também divulga sentidos a respeito das reformas curriculares. Nesse sentido, no quinto livro da série (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*) parece haver um conflito entre o currículo oficial e o currículo da escola. Nesse livro, o Ministério da magia decide intervir em Hogwarts para realizar uma reforma na instituição. A professora Umbridge é enviada para a escola com o objetivo de implementar um novo currículo e de vigiar e punir os/as professores/as que se recusem a segui-lo. O currículo que será adotado por ela é explicado da seguinte forma:

Este ano iremos seguir um curso de magia defensiva, aprovado pelo Ministério e cuidadosamente estruturado em torno da teoria (HP5, p. 200).

O currículo que o Ministério da Magia pretende implantar em Hogwarts se distingue do modelo curricular divulgado pela série. Enquanto no currículo que os livros divulgam como ideal a prática da magia é elemento fundamental, no currículo do Ministério a teoria é a parte mais importante. A teoria é estudada individualmente, realizando a leitura de trechos do livro didático. Em um trecho, Umbridge pede:

-Eu gostaria que os senhores abrissem o livro na página cinco e lessem o Capítulo Um, 'Elementos Básicos para Principiantes'. Não precisarão falar (HP5, p. 200).

Embora o livro didático faça parte do material que os/as alunos/as usam normalmente nas aulas, somente no currículo que o Ministério da Magia tenta implementar eles são utilizados como único material. A leitura dos livros é considerada pelos/as alunos/as como “desesperadamente monótono, tão ruim quanto escutar o Prof. Binns [que leciona História da Magia]” (HP5, p. 200). Existe, assim, uma associação entre a leitura dos livros didáticos e aquela que é considerada a pior matéria do currículo de Hogwarts. Apesar de ser diferente do modelo curricular divulgado pela série, a reforma em Hogwarts se assemelha em alguns pontos às reformas implementadas no Brasil e em outros países ocidentais nos últimos anos, naquele que é chamado na série *Harry Potter* de “mundo trouxa”. Em ambas, a restauração que se pretende instalar é extremamente conservadora. Em Hogwarts, um retorno às tradições, representado pela volta à teoria, é demandado. No mundo trouxa, por sua vez, as reformas curriculares tentam pregar um retorno aos ideais da livre empresa, do capitalismo liberal, da família tradicional e do patriotismo (APPLE, 1994). Nas duas, também se mantêm as disciplinas tradicionais do currículo e procura-se modificar as metodologias empregadas.

A série de livros, contudo, trata de se posicionar contra as reformas do Ministério da Magia. Seja por meio da não submissão dos/as professores/as da escola ao modelo de currículo que se busca implantar, seja pelo questionamento que os/as alunos/as fazem à prática de Umbridge, a implantação do currículo ministerial em Hogwarts fracassa. Apesar de todas as tentativas do ministério – que incluem castigos aos/às alunos/as e suspensão de professores/as que se posicionam contra o currículo ministerial – de submeter Hogwarts ao seu currículo, este não consegue se fixar.

Uma série de significados culturais podem ser extraídos dessa narrativa. Podemos pensar que os livros estão fazendo circular o sentido de que currículos elaborados em outras instâncias não podem obter sucesso nas escolas. Eles podem estar incentivando práticas diferentes daquelas demandadas pelas instâncias governamentais. Por meio da ironia e de forma prazerosa, *Harry Potter* estaria divulgando sentidos semelhantes àqueles propostos na teoria curricular, que demonstra o caráter centralizador e autoritário dos currículos únicos (cf. APLE, 1994). Nesses dois espaços, os/as professoras são apresentados/as como capazes de resistir a essas mudanças. Os livros parecem estar divulgando aí sentidos sobre como deve ser a prática docente. Talvez esses sentidos possam atuar na fabricação identidades docentes e discentes específicas. Todos esses – e muitos outros – são significados produzidos por esses artefatos culturais e que passam a corporificar a cultura juvenil. Se considerarmos que, de modo geral, os/as estudantes não têm acesso às discussões sobre reformas curriculares refletir sobre como esse tema é tratado por artefatos da cultura popular torna-se ainda mais significativo para o campo educacional.

### **Considerações finais**

Para um campo como a educação, que lida diretamente com jovens, é de fundamental importância a análise dos diversos materiais que se endereçam a esse público. Afinal, eles fazem parte da cultura juvenil, uma cultura constantemente negada e silenciada pela escola e pela pesquisa educacional (SANTOMÉ, 2002). Nesse sentido, entender de modo diferenciado os materiais midiáticos produzidos para a juventude em nossas pesquisas – sem considerá-los como necessariamente ruins, mas também sem perder de vista a crítica necessária – pode ajudar-nos a compreender os modos como os grupos que exercem o poder desejam que a juventude compreenda diversos elementos da educação escolar (SANTOMÉ, 2002).

Se considerarmos que a literatura constitui-se em importante fonte de disseminação de valores (SILVA, 2002), a análise desses materiais torna-se ainda relevante. Afinal, esses livros estão construindo discursos que acabam servindo de parâmetro para a avaliação da educação do mundo “real”. Sentidos múltiplos e variados são produzidos, articulando-se ou opondo-se a outros e passando a integrar a cultura juvenil. Louro (1997) discute que as representações de professores/as que

circulavam em vários artefatos culturais no Brasil no início do século XX, mais do que apresentar modelos de docência, construíram, de fato, professoras. Nos tempos atuais, os produtos da mídia vêm divulgando discursos variados e, por vezes, contraditórios sobre o que seja ser um/a bom/boa professor/a, uma boa escola, um bom currículo. Investigá-los torna-se fundamental para compreendermos os diversos sentidos atribuídos à escola e à educação escolar nesse início de século XXI.

### Referências

APPLE, M. A política do conhecimento oficial: Faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 59-92.

DALTON, M. O currículo de Hollywood: quem é o bom professor; quem é a boa professora. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 97-122, jan./jun. 1996.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FABRIS, E. **Representações de espaço e tempo no olhar de hollywood sobre a escola**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. 127p.

GIROUX, H. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, T. T. **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 49-81.

VILLELA, F. O professor coordenador e as atividades de início de ano. In: BRUNO, E. et al. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 2003. P. 26-39.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: BASSANEZI, C.; DEL PRIORE, M. **Historia das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. Unesp, 1997. p. 417-449.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

PARAÍSO, M. A. A produção do currículo na televisão: que discurso é esse? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 141-159, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. **Currículo e mídia educativa**: práticas de produção e tecnologias de subjetivação no discurso da mídia educativa sobre a educação escolar. 2002. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. 301p.

RODRIGUES, N. Organização dos tempos e espaços educativos: da seriação à construção dos ciclos. In: **ORGANIZAÇÃO dos tempos e espaços na escola**. Procad – Fase Escola Sagarana. Belo Horizonte: SEE/MG, 2001. n. 4.p. 7-36.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.p.159-177.

SANTOS, L.; PARAÍSO, M. Dicionário crítico da educação: currículo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 2, n. 7, p. 82-84, jan./fev. 1996.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 69-97, 1992.

Enviado em Janeiro/2011

Aprovado em Abril/2011